

IDENTIDADE, GÊNERO: POSSIBILIDADES PARA PENSAR A DIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO ATUAL

[IDENTITY AND GENDER: POSSIBILITIES FOR THINKING ABOUT DIVERSITY AND TEACHER TRAINING IN THE CURRENT CONTEXT]

Jaime Biella

Doutor em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor adjunto do Departamento de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atua em Ensino, Pesquisa e Extensão nas áreas de Filosofia e Educação. É coordenador do PIBID de Filosofia, áreas de investigação: Filosofia da mente, Filosofia da complexidade, Filosofia da emergência, ensino de filosofia, erro e racionalidade.

(E-mail: jaimebiella@uol.com.br)

Recebido em: 23 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

Boa noite! Já tem algum tempo que eu não venho à UERN em Caicó. Quero começar agradecendo a oportunidade de estar aqui, o convite para participar dessa mesa¹. Saudar à professora Rita. *És um prazer tener una oportunidade de compartir com ustedes*. Quero começar também fazendo se possível um convite, que espero que se concretize: Em 2015 nós tivemos o Segundo Encontro Nacional do PIBID/Filosofia, que foi na Federal do ABC, em São Bernardo, onde foi decidido que o 3º Encontro Nacional seria em 2017, em Natal. Caso o PIBID permaneça existindo em 2017, em junho teremos o Encontro Nacional do PIBID de Filosofia nas dependências da UFRN, em Natal, e desde já se sintam todos convidados a participar desse evento.

Nosso tema de hoje é ao mesmo tempo difícil falar sobre formação docente no momento atual em que a educação brasileira é tão fortemente golpeada, mas, é também necessário falar sobre esse tema pensando no que virá pela frente.

O país vive hoje um momento muito difícil, um momento de clivagem na nossa história, pois que estamos vivendo um processo de um golpe contra a Democracia Brasileira. Na análise que faço, nós estamos na terceira etapa do golpe, que é a etapa da farsa, e ainda, teremos a fase quatro, que é a fase da tragédia. Depois, ninguém sabe como ou quando superaremos esse processo golpista, mas, é possível, pela história que conhecemos, imaginar que a superação do golpe trará oportunidade da construção de uma sociedade melhor do que a que nós tínhamos antes. Quando a gente olha a experiência recente de 21 anos de ditadura, nós saímos depois para um processo de democratização em que nós conseguimos construir algo mais positivo do que o que nós tínhamos antes da ditadura. E este é o desafio! Superando o processo do golpe, avançar para além daquilo que não conseguimos avançar do estágio recente. Daí a importância de falarmos sobre formação docente, pensar identidade, gênero e diversidade para o que virá mais adiante.

Nós passamos por um processo de esgotamento de um modelo de conciliação, especificamente, do campo de educação, nós estamos vivendo um processo de um esgotamento do tratamento da temática do gênero, centrado na ideia ou no conceito de diversidade. Significa que nós estamos diante de um momento em que nós tínhamos por um lado, no âmbito mais amplo, uma demanda por uma democracia ampliada, e no campo da educação, uma demanda por novos processos de formação docente, que implicam, também,

¹ Mesa Redonda apresentada na VII Semana de Filosofia do Campus Caicó, em 05/12/2016.

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

no questionamento sobre o modelo de tratamento da temática de gênero. O golpe se instala no país com o propósito de aniquilar as conquistas recentes, fazer com que nós retrocedamos, as ameaças à privatização da UERN, são exemplares desse processo!! No campo específico da educação nós nos deparamos com um processo duplo de ameaça, de um lado a contrarreforma do ensino médio, advinda pela Medida Provisória 746, mas, também, pela Portaria 1.145, que regulamenta a referida Medida Provisória. É na portaria que a gente entende os detalhes da perversidade do desmonte da educação secundária e é também um golpe contra a educação, a proposta da “Lei da Mordaca” ou da chamada “Escola sem Partido”, que não é uma proposta de uma escola não partidarizada, mas é uma proposta de implementação e consolidação de um discurso e de uma prática homogeneizadora, mais precisamente, não é a eliminação de partidos, mas, sim, é a fixação de uma concepção de um único partido.

A temática de Educação e Diversidade começa a ganhar corpo na nossa sociedade a partir dos anos 80 com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, com o surgimento, então, dos movimentos reivindicatórios, por exemplo, os movimentos de negros, das mulheres, dos homossexuais e dos índios. Na década de 1990, mais especificamente, no campo da educação, a temática emerge sobretudo com a ideia da diversidade a partir de uma abordagem dos estudos culturais e que vai se tornar evidente a partir do final da década de 1990, mais precisamente, em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e em 1998, com a promulgação do Parecer 15, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Esses dois documentos trazem a ideia da inserção do tema da diversidade nos currículos escolares a partir da perspectiva da transversalidade. Surge, então, a partir daí um grande debate sobre como tratar o tema das diferenças.

Falamos muito sobre diversidade, quando falamos de diversidade nós estamos dizendo do diferente ou mais precisamente, das diferenças. Então, falar das diversidades é falar de como nós tratamos as diferenças. Existem basicamente três modelos de abordagem da temática das diferenças. Uma delas trata as diferenças como contradições que podem ser apaziguadas. É uma tentativa de você incorporar no processo hegemônico aquilo que é o desviante, o diferente, tentando com isso eliminar as contradições entre as diferenças. Daí a ideia do apaziguamento das contradições. Uma segunda abordagem, é a abordagem neoliberal que busca usar das diferenças como uma ampliação dos espaços do sistema

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

capitalista. É a ideia de tratar o diferente como objeto de consumo, então, você observa o movimento nesse sentido quando você começa a ter um comércio voltado para as especificidades, para as diferenças. Na verdade, é um processo de incorporação das diferenças ao sistema de consumo. E a terceira abordagem possível para o tema das diferenças, é a que vai colocar as contradições como sendo aquelas que não podem ser apaziguadas. Essa terceira vertente vai se voltar não para o tratamento específico das diferenças, mas vai voltar-se para o questionamento da cultura como um todo.

O que nós vemos no Brasil é que, desde a década de 1990, a temática da diversidade surge, sobretudo nas escolas brasileiras pela primeira vertente, pela vertente que tenta tratar as diferenças como contradições que podem ser apaziguadas. Vale lembrar que o modelo de escola que nós temos é o Modelo da Escola Francesa Republicana, que é um modelo de uma escola universalizante, que busca construir, portanto, um modelo único de escola e que no interior dessa escola busca também a homogeneidade. É uma escola onde o diferente, quando reconhecido, é reconhecido não no valor da sua singularidade, mas como aquele desviante que está fora do padrão da norma e da normalização e que precisa de alguma forma ser incorporado ao modelo de normalização. É o discurso basicamente estruturado no que a gente conhece como Pedagogia da Tolerância. Não é tanto o reconhecimento do outro, mas o discurso de tolerar o outro, com uma carga muitas vezes extremamente preconceituosa que diz coisas do tipo: “tudo bem você ser homossexual, desde que você não se beije com outro aqui em público, eu admito que você seja diferente desde que, você não explicitamente a sua diferença.” A gente conhece isso no interior das escolas, não só em relação aos homossexuais, mas em relação às mulheres, em relação aos negros, em relação aos estudantes provenientes das escolas públicas que chegam à universidade como cotista. “Estamos abrindo espaço para você, mas não queremos que você evidencie a sua diferença. Toleramos você e queremos que você se adeque ao modelo hegemônico”.

O que nós temos, portanto, é uma abordagem da diversidade na sociedade brasileira, e, mais, especificamente, na escola brasileira desde a década de 90, centrado na ideia da tolerância que vai resultar na manutenção das hierarquias hegemônicas num processo de valorização da heteronormatividade. Por exemplo, quando você olha no interior dos movimentos ou das práticas dos grupos homossexuais, você tem todo um processo de heteronormatividade presente em que, os gays que são respeitados são aqueles que assumem uma postura hetero nas relações homossexuais, ou seja, é o gay discreto, sigiloso, que não

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

usa roupas que gostaria de usar, ou seja, você pode ser aceito e tolerado na sociedade se você seguir um padrão de comportamento que é o padrão da normalidade. E por fim, o terceiro elemento gerado, é a criação de uma estética branca. A ideia de que, o belo é isso que nós conhecemos como a estética branca. É um processo, portanto, de esvaziamento das diferenças, é um processo de descaracterização e de despolitização das próprias diferenças. É a reafirmação de um modelo hegemônico descrito no modo de dizer, o homem, branco, adulto, heterossexual, cristão, este é o padrão!

O desviante ele é tolerável, e tolerável sobretudo, se ele se comporta dentro desse padrão estabelecido. Com isso vem um forte processo de violência e uma violência que se dá não só sobre o desviante, mas uma violência que se constrói sobre o próprio sujeito dito normal. Então, aqui é preciso a gente considerar que quando falamos de violência, a gente tem que destacar três dimensões da violência. A primeira é aquilo que Slavoj Žižek chama de violência subjetiva. É a violência de uma pessoa contra a outra, é o aspecto visível do fenômeno da violência, mas, para além ou aquém da violência subjetiva, existe também a violência estrutural e a violência simbólica; a violência estrutural, também chamada de violência sistêmica, ela é consequência do funcionamento dos sistemas econômicos, políticos e de justiça. Nesse aspecto, podemos destacar, por exemplo, a diferença na remuneração para trabalho igual entre homem e mulher, é uma diferença que se dá no campo econômico, a diferença da representação feminina muito mais acentuadamente, a representação gay nos sistemas políticos. Nós somos um país que tem uma das mais baixas taxas de representatividade de mulheres no parlamento, até países como a Arábia Saudita tem uma representação feminina no parlamento mais expressiva do que do Brasil. E por fim, a violência simbólica que é a imposição de um universo de sentidos, e que é, por muitas vezes, a mais difícil de ser detectada, e é justamente na dimensão da violência simbólica que mais se explicita o problema da diversidade e das diferenças.

Vale destacar que não raro a regra geral, como regra geral sempre tem exceções, mas, a regra geral é que a violência subjetiva ela é causada pela violência estrutural e pela violência simbólica, ou seja, aquilo que mais aparece que é a violência subjetiva, ela é resultado dos outros dois processos de violência, então vou falar um pouco da ideia da violência simbólica. Penso ser algo que é preciso a gente compreender e que começa a se tornar claro a partir da década de 1980, com a emergência do que vai ser chamado mais tarde de Teoria Queer. Muito se fala da teoria Queer como um movimento que se desenvolve nos Estados Unidos,

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

mas é um movimento que se desenvolve paralelamente tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e que com as especificidades de cada um desses países, pelos processos históricos que estavam vivendo, traçam caminhos distintos, mas, que vão convergindo para uma falta comum. Uma das ideias caras à Teoria Queer é a de que a própria heterossexualidade ela é uma construção social e simbólica.

Para quem teve, se alguém aqui teve a oportunidade de estar em Natal no mês de outubro no shopping, num dos shoppings de Natal, Natal shopping, foi feito um espaço de comemoração do mês da criança no pátio central do shopping. Então era um espaço com brinquedos, aparelhos de diversão para crianças, e o espaço era dividido em duas áreas: tinha a ala azul, onde estavam os brinquedos dos meninos e a ala cor de rosa, onde estavam os brinquedos das meninas. Lado a lado com um muro separando os dois, as meninas não podiam entrar no espaço azul e os meninos não podiam entrar no espaço rosa. A diferença entre os dois espaços era gritante: o espaço das meninas era todo voltado para a docilidade, a feminilidade, o rosa, as coisas não ameaçadoras do corpo; enquanto o universo masculino era composto por espaços de subir, descer, cair, se jogar, espaços de virilidade. Quando a gente olha para isso é preciso reconhecer que há uma perversidade, há uma crueldade contra todas as crianças. Ali se explicita que a violência não é contra a mulher ou contra o gay, a violência é contra todos. A heteronormatividade vem sendo está continuamente produzida. As nossas crianças são ensinadas a serem de uma determinada maneira e aí você impõe uma distinção entre masculino e feminino, e essa distinção entre masculino e feminino vai perpassar, por exemplo, o movimento gay. Dentro do universo gay você reproduz isto, o gay macho, o gay fêmea e no universo hetero você também reproduz isto. Aquele rapaz que é hetero, mas que gosta de algumas coisas que não são do padrão macho ele sofre tanto quanto a criança gay. Então, é aí que se instaura o processo de homogeneização. É aí que se instaura o processo da violência simbólica.

Até a década de 80 os movimentos de defesa da diversidade eram movimentos reivindicatórios de inserção, daí a ideia da tolerância, da busca de reconhecimento de um espaço que lhe era negado. Era como se os movimentos negros, de índios, de mulheres, de gays estivessem assim: “reserve um pequeno espaço para nós nesse universo da normalidade”. A partir da década de 90 temos um processo de questionamento desses aspectos, então uma escola centrada nesse padrão heteronormativo, ela se constrói a partir de quatro processos que a gente chama de processo de antecipação, e eu vou falar

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

rapidamente deles para ir concluindo o meu tempo: o primeiro, é o processo da própria linguagem. Roland Barthes afirma que a linguagem é essencialmente fascista, porque a linguagem serve para impor discursos e comportamentos. Na escola vemos isso, por exemplo, nos livros didáticos, nos materiais paradidáticos, no discurso dos professores e das professoras; o segundo processo de antecipação é a dinâmica do poder. Desde cedo, as nossas escolas ensinam as crianças a obediência às hierarquias, a obediência às autoridades. São, na expressão de Michel Foucault os dispositivos de assujeitamento.

Basta lembrarmos que as nossas escolas são salas que, etimologicamente aproximam-se do estilo de celas, onde se pratica uma grade curricular que estão mudando, de um tempo pra cá, mas, até bem pouco tempo, as nossas escolas estavam organizadas em delegacias de ensino. Vejam, é a linguagem e o poder reforçando a obediência, praticando o assujeitamento. E o terceiro tipo de antecipação que se desenvolve na escola, é a construção de subjetividades capitalistas. Refere-se à preparação das pessoas para o consumo, é a ideia de que tudo pode ser trocado por dinheiro. Isso é uma das grandes perversidades das nossas escolas. No caso da escola, nem sempre trocado por dinheiro monetário, mas, é a troca pela nota, é a troca pelo prêmio, é a troca pelo acesso a determinados espaços. Não faz muito tempo que as nossas classes eram organizadas em ABC. A, destinada para alunos aprovados com maiores notas, e lá no final, você tinha aquelas classes onde só estavam aqueles alunos que tinham sido aprovados na “rabeira”. E no interior da sala de aula os melhores alunos, melhores no sentido de que tiraram melhor nota nessa ou naquela avaliação, sentavam à frente próximo ao professor e os piores, ou seja, aqueles que tinham mais deficiências na aprendizagem, ficavam sentados no fundo da sala de aula. Vejam o sentido dessa perversidade: aquele que mais precisa da atenção do professor, é o que está mais distante do professor. É isso que gera o tal do grupo do fundão, que são os estudantes que estão com dificuldades de aprendizagem e sem a atenção necessária do professor, são jogados ao fundo da sala, e envolvem-se com as “bagunças”, na minha perspectiva, é a ausência do reconhecimento que gera a falta de perspectiva; e por fim, a quarta antecipação, cito aqui Félix Gatarri, é a heteronormatividade, ou seja, é a ideia de que a escola constrói um corpo, constrói uma estética. É na escola que a criança aprende como deve ser o seu corpo, como ela deve dispor o seu corpo e como ela deve tratar o seu corpo.

Vejam que, por exemplo, o bullying, embora apareça mais diretamente para os desviantes: a menina que não se comporta como deveria e que por isso sofre o bullying, o

Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente no contexto atual

BIELLA, Jaime

menino que é a “bichinha” que não se comporta como querem que ela se comporte, são os que recebem a expressão da violência subjetiva que sofrem o bullying violento fisicamente, muitas vezes, mas, estas antecipações da linguagem, do poder, da capitalização, da subjetividade, da heteronormatividade atinge a todas as crianças. Significa dizer, portanto, que pensar o novo modelo de formação docente pressupõe pensar uma nova abordagem sobre o tema da diversidade. Esta nova abordagem da diversidade trazida pela Teoria Queer, que começa a se disseminar no Brasil nos últimos dez anos, quinze anos e que vem sendo violentamente atacada pela ideia da Escola Sem Partido. É justamente a contraposição a esse discurso que caracteriza este modelo.

Então para finalizar. Encerrado esse processo desastroso pelo qual o país passa hoje, eu vislumbro que lá na frente nós vamos ter um processo de redemocratização ampliada da nossa sociedade, e aí a diversidade talvez seja substituída pelo tema da diferença, pensar, portanto, gênero como sendo algo relacionado às normas e convenções culturais. Normas e convenções culturais que variam de uma sociedade para outra, de um membro para outro, ser mulher hoje no Brasil, no século XXI não é o mesmo que ser mulher no Brasil no século XXIX. E ser mulher no Brasil no século XXI não é mesmo que ser mulher na Índia no século XXI. O conceito de gênero varia, varia para os heterossexuais e os outros gêneros.

É preciso, portanto, pensar numa formação docente que reconheça que a violência de gênero se dirige a todos, héteros e homos, mulheres e homens. Para usar uma expressão do professor Ricardo Visconci, da Federal de Ouro Preto: “[...] todos somos vítimas do hétero sexismo”. Na expressão dele, o terrorismo cultural chamado hétero sexismo. É preciso superar a política da tolerância e substituí-la pela política da diferença. Entendida a diferença como o reconhecimento do outro na sua integridade e não na divergência. É fazer, portanto, da diferença, a pauta a ser considerada e não a eliminação da diferença, mas, é a valorização da diferença. Portanto, não é um processo com que se busque tolerar o diferente, mas uma proposta de recriar a própria cultura. A proposta da Teoria Queer não é a incorporação do diferente ao normal, mas, é a mudança da cultura para que a cultura comporte todas as diferenças, é substituir, portanto, a pedagogia da tolerância pela pedagogia da intolerância e reconhecer na intolerância a possibilidade de reconhecer todas as diferenças. Nós estamos falando de gênero, de feminino, de masculino. Há três, quatro meses a prefeitura de Nova Iorque reconheceu oficialmente na cidade a existência de trinta e um gêneros diferentes, trinta e um gêneros!! É para isso que nós precisamos construir uma nova

**Identidade, gênero: possibilidades para pensar a diversidade e a formação docente
no contexto atual**

BIELLA, Jaime

formação docente, uma formação docente que seja capaz de reconhecer a multiplicidade de humanos que somos. Muito obrigado!!!